

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

BRASIL: ALTERIDADE E SUBJETIVIDADE*

SUZANA SOUZA PASTORI

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Membro do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da UFPa. Colaboradora do Programa de Atendimento e Estudo da Somatização da Universidade Federal de São Paulo. suzanasp@uol.com.br

Resumo: Este trabalho se propõe a pensar a importância de uma psicopatologia transcultural no Brasil. Partindo da análise das condições que determinaram o nascimento e a colonização do Brasil, foram apresentadas algumas idéias referentes ao suposto mito de origem que inaugura nossa 'brasilidade'. A análise da questão alteritária, no Brasil, permite que se articule autonomia e escravidão em diferentes contextos, particularmente em seus aspectos psíquicos, sociais e culturais.

Palavras-chave: Mito inaugural brasileiro; alteridade; autonomia e escravidão.

BRAZIL: OTHERNESS AND SUBJECTIVITY

Abstract: This article offers considerations on the importance of cross-cultural psychopathology in Brazil. Some ideas regarding the supposed myth of origin that gave rise to our condition as Brazilians are presented, based on an analysis of the conditions that determined the birth and colonization of Brazil. An analysis of the question of otherness in Brazil makes it possible to articulate autonomy and slavery in different contexts, particularly in their psychic, social, and cultural aspects.

Keywords: Brazilian myth of origin; otherness; autonomy and slavery

Para pensar a condição brasileira frente à questão transcultural, partirei de um momento que me parece interessante retomar aqui. Trata-se de um ciclo de conferências que teve lugar na Maison de l'Amérique Latine, em Paris, e que foi organizado por um pequeno grupo da Association Freudienne International, a partir de 1991. O primeiro ciclo de palestras, em 1992, fazia parte das comemorações do quinto centenário de descoberta da América e tratava dos efeitos da colonização. Este lugar, a Maison de l'Amérique Latine é um lugar tradicional de intercâmbio entre a América Latina e o continente europeu. Parece-

* Conferência proferida no Encontro Internacional de Psicopatologia Transcultural, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, em Belém, no dia 14/04/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

me, portanto, apropriado retomar algumas questões iniciadas nestes ciclos de conferências. Oito anos após este primeiro debate, em 2000, foi publicado, no Brasil, um livro desta vez em comemoração aos 500 anos do Brasil, e que trazia o relato do que havia transcorrido nos três ciclos de conferências em Paris. Este livro, intitulado *Um inconsciente pós-colonial, se é que ele existe* traz uma questão fundamental em relação aos efeitos da colonização no Brasil. Reproduzo aqui alguns trechos retirados da pequena apresentação do livro feita por Alfredo Jerusalinsky.

“Colocar em jogo a questão da existência de um inconsciente pós-colonial é o modo mais radical de nos interrogarmos acerca da autonomia ou escravidão do discurso que orienta nosso dia a dia. O quanto este discurso sobrevive dos pesadelos do extermínio indígena, do esmagamento escravagista das culturas afro, dos sonhos de um paraíso para degredados e fundadores, do atrito entre o monoteísmo dos fundadores e o panteísmo dos habitantes originários, do barroco emergido do confronto entre o naturismo e o iluminismo. Até que ponto estes vestígios se encontram presentes nos contrastes que atualmente caracterizam nossos laços sociais?..... Somos produtores de um discurso próprio ou simples herdeiros de um discurso que jamais virá a nos pertencer?”

Association Freudienne Internationale, 2000

Retomo esta questão, neste momento, por achar que ela é extremamente importante para nós e pertinente em relação a este encontro. A questão da “autonomia ou escravidão do discurso que orienta nosso dia a dia” apresenta os possíveis efeitos da colonização. Para além das consequências sociais, econômicas, políticas etc, da colonização, que são fundamentais, existem também os efeitos relacionados à constituição subjetiva do brasileiro. Sérgio Buarque de Holanda (1996) apresenta a idéia de que durante



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

muitos séculos o homem ocidental acreditava na existência de um paraíso na Terra; este mito era determinado pelo texto bíblico do Gênesis e, a partir das grandes descobertas, do Renascimento, vai sofrer uma transformação. Os descobrimentos tornam-se testemunhos da ‘terra prometida’. Baseado nesta idéia, Otávio Souza escreve *Fantasia de Brasil* (Souza, 1994) onde a questão imaginária, do homem europeu, que alimentava a idéia da existência do Éden, servirá de matéria prima para a constituição do ‘novo mundo’. O Brasil será investido com esta idéia, e aqui, talvez mais do que em qualquer outro lugar das Américas, a fantasia originária que alimenta nossa pré-história irá constituir o solo para a construção do ‘paraíso tropical’. A questão é que a perspectiva de procurar corresponder a esta condição imaginária constitutiva de uma primeira imagem da terra e dos habitantes que nela vivem, sobrevive de alguma maneira.

O mito fundador que inaugura nossa existência enquanto ‘terra prometida’ e que se desdobra a partir da constituição de um lugar de fruição de prazer, o paraíso na terra, faz com que os habitantes deste lugar se tornem responsáveis por manter e preservar esta condição. Assim somos, desde a origem, colocados no lugar de objeto de prazer do outro. O olhar com que o europeu nos constituiu, análogo ao olhar com que os pais investem o filho ao nascer, alimentou, de certa forma, nosso destino. O que a princípio se apresentou como ameaçador, ao chegar na terra estranha, habitada por seres absolutamente diferentes, vai ser paulatinamente transformado em exotismo. Tornamo-nos exóticos e assim deixamos de ser ameaçadores ao olhar estupefato do colonizador ao chegar aqui. Por outro lado, a condição de neutralização do que é diferente, ameaçador, primitivo, que faz com que nos tornemos exóticos ao olhar do outro, traz um novo risco. O exotismo pode rapidamente ser transformado em racismo. O racismo vai ser dirigido para aquilo, ou para aquele que resiste à transformação. O que não se deixa neutralizar para corresponder à exigência de ser exótico mantém uma diferença que deve ser rechaçada. Como se toda e qualquer expressão



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

cultural brasileira tivesse necessariamente que passar pelo crivo do exotismo para poder ser valorizada.

Nossa pacata convivência com a diversidade constitutiva da condição brasileira, nossa suposta cordialidade e hospitalidade para com o estrangeiro é esta suposição ilusória com a qual procuramos dar conta de uma imagem de nós mesmos. Identidade sempre precária, sempre em busca de reconhecimento, como se a qualquer momento pudéssemos ser dela destituídos.

A questão apresentada por Jerusalinsky em relação à autonomia ou escravidão do discurso que orienta nosso dia a dia pode ser retomada aqui. Apresentamos a idéia de nosso mito de origem como forma de poder pensar alguns aspectos de nossa condição subjetiva. A maneira como, a partir deste mito, procuramos corresponder ao olhar do outro, ao desejo do outro, tem uma importância decisiva em nossa maneira de ser. Ao ter que dar conta do desejo do outro nos mantemos num lugar de submissão; parece que aí, não é possível constituir nenhuma forma de autonomia.

No entanto, a própria questão colocada em relação à possibilidade de que seja possível constituir uma autonomia em relação ao discurso que orienta nosso dia a dia já traz em si a suposição de que outra uma ordem das coisas seja possível. Penso que a questão trazida por Roberto Schwarz (2000) acerca das “idéias fora de lugar” possa esclarecer sobre as contradições que fazem parte de nosso dia a dia. Dar conta de nossas contradições pode ser um passo decisivo em relação à constituição de uma autonomia, se é que ela seja possível.

As “idéias fora de lugar”, apresentadas por Schwarz, tratam da importação de idéias liberais que professavam os valores de liberdade e igualdade entre os seres humanos. A sociedade burguesa do início do século XIX, no Brasil, professava estes valores como sendo universais. No entanto, estas idéias entravam em profundo contraste com a sociedade escravocrata que éramos, na época, estabelecendo um imenso vácuo entre as idéias



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

proferidas e valorizadas pelos intelectuais brasileiros e a profunda desigualdade reinante em nossa realidade, sobretudo pela existência da escravidão. Era como se as idéias não nos pertencessem. Por outro lado, as idéias importadas não davam conta de compreender a realidade. A contradição parece ser um aspecto inerente a nossa condição.

Gilberto Freyre (2006), em seu livro *Casa Grande e Senzala*, mostra as várias facetas das relações que se estabeleceram entre senhores e escravos, no Brasil. A convivência desde cedo da criança da família dos senhores com os escravos sempre foi marcada pela ambivalência. Ao mesmo tempo em que havia um vínculo afetivo, sobretudo das amas que alimentavam os filhos dos senhores, por outro lado, os meninos, particularmente, eram incentivados a iniciarem a vida sexual com as escravas. As crianças, filhos de senhores e filhos de escravos brincavam como companheiros, mas cedo aprendiam que os escravos deviam ser castigados. Gilberto Freyre diz que o vínculo com a escravidão deixou marcas psicológicas no modo de ser de todo e qualquer brasileiro. Estamos sempre oscilando entre um lado e outro do chicote, ora para açoitar, ora para receber o açoite.

As contradições inerentes à realidade brasileira são relegadas ao ‘esquecimento’. “O que é bom vem lá de fora”, já dizia o poeta. Pensar que é o outro que sabe é destituir-se da possibilidade de construir um conhecimento sobre si próprio. E assim nos sujeitamos a ser constantemente violentados pela supressão de um aspecto fundamental de nossa existência.

Em São Paulo, em 1994, foi realizado o Colóquio Internacional sobre o Estrangeiro. Participaram pessoas de diversos países da América Latina e da França. As questões que giram em torno da noção de estrangeiro mobilizam determinados aspectos importantes em relação à maneira como nos posicionamos em relação ao outro. Este me pareceu outro momento importante, bastante significativo em relação à questão transcultural no Brasil.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A diversidade cultural sempre fez parte da nossa condição. O Brasil recebeu, ao longo de sua história, diversos grupos de imigrantes, vindos dos mais variados lugares do planeta. Mesmo que tenha havido em determinados momentos alguns conflitos de grupos, de imigrantes ou de descendentes de imigrantes, podemos dizer que há, no Brasil, uma tendência a estabelecer uma convivência amigável com aquele que vem de fora. Podemos também afirmar que existe no Brasil uma tendência a transformar o estrangeiro, fazendo com que ele adquira certa 'brasilidade'. O estrangeiro nunca deixa de ser estrangeiro, no Brasil, mas ao mesmo tempo ele é brasileiro. Quem sabe esta forma de lidar com o estrangeiro não seja também outra das tantas contradições que fazem parte de nossa maneira de ser. Ou quem sabe este limite entre ser e não ser não constitua um aspecto importante na maneira como lidamos com a diversidade.

No colóquio sobre o estrangeiro, em São Paulo, havia uma grande quantidade de trabalhos que abordavam a figura do judeu, apresentada como paradigma da condição do estrangeiro ameaçador. A figura emblemática do judeu, no imaginário europeu particularmente, ocupou durante muito tempo a condição enigmática daquele que, mesmo tendo nascido ali, não pertencia ao lugar. O processo de assimilação dos judeus, na Europa, modificou esta condição. Não era mais possível manter o estranho/estrangeiro fora; ele agora havia adquirido a nacionalidade do país em que habitava.

Todas as questões surgidas a partir daí nos levava a pensar sobre este lugar do estrangeiro ameaçador. Uma aproximação é feita com muita frequência entre o estrangeiro e a noção de estranho, desenvolvida por Freud (1980). Neste texto, O estranho, Freud apresenta a idéia de que o que parece estranho é o que é assustador, que provoca medo e horror. Mas, por mais estranho que possa parecer ele é, ao mesmo tempo, familiar e antigo. A relação entre algo que faz parte do outro e, ao mesmo tempo, é sentido como familiar só pode ser compreendido pela referência à idéia de inconsciente. O que foi recalcado, impedido de acesso à consciência, retorna. E como todo retorno do recalcado, faz aparecer



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

de volta as forças que estiveram presentes neste processo de recalçamento. A criança se submete aos pais, aceita a censura imposta ao seu desejo por medo de perder o amor e a proteção dos pais, medo este que faz reaparecer a condição de impotência característica de todo ser humano. É por isto que o estranho amedronta; enquanto existe alguém que encarna a estranheza e que se mantém a certa distância, fica-se preservado das ameaças aí contidas. Na medida em que o estranho, ou o estrangeiro, se coloca numa proximidade ameaçadora, alguma coisa precisa ser feita. Os ataques aos judeus, ocorridos no holocausto, podem ser pensados como reação a uma condição que de alguma forma ameaçava, pois, na medida em que eles adquiriram a nacionalidade dos países em que moravam, passaram a estar numa proximidade ameaçadora.

Foi, porém, a partir de uma questão, feita por um estrangeiro, aos brasileiros presentes no colóquio, que desencadeou uma estranha inquietação. Talvez ela tenha passado despercebida em meio a tantas outras indagações e inquietações; afinal a questão em torno do estrangeiro tem o poder de tocar numa esfera de pura intimidade. Frente ao outro, estrangeiro, aparece a necessidade de marcar uma diferença, de assegurar uma singularidade, absolutamente imprescindível. O confronto que se estabelece pela proximidade com o diferente faz reaparecer o estado de desamparo do início da vida, onde éramos desprovidos de condições de sobrevivência, tanto física quanto psíquica. A questão, feita pelo estrangeiro, tinha um quê de curiosidade e outro quê que incidia justamente num aspecto crucial de nossa condição. Dizia ele: porque os brasileiros, sendo constituídos por tanta diversidade cultural, não constroem, na mesma proporção, teorias sobre sua condição subjetiva?

Estamos de retorno ao discurso sobre a autonomia. Esperamos do estrangeiro que ele continue dizendo quem ou como somos, tal qual a fantasia originária que inaugurou nossa brasilidade.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Esta pergunta, dirigida aos brasileiros, tem o poder de reativar os efeitos da colonização e, ao mesmo tempo de constituir outros efeitos que possam ressignificar nossa condição. Desta forma ela cumpre uma função importante, tal como o que se produz num processo analítico que visa a reconstrução de uma história a partir de novos elementos significantes.

A proposição deste encontro está alicerçada a uma questão que diz respeito às consequências do processo de globalização da economia de mercado a nível mundial. Isto vem se constituindo já há algumas décadas e tem trazido uma série de transformações que incidem em diversas esferas da vida humana. A tendência a homogeneizar os bens de consumo em função da comercialização em qualquer parte do mundo traz, por um lado, a necessidade de deslocamento das grandes corporações econômicas que se estabelecem em qualquer lugar. Daí o aparecimento de pessoas que já nascem desenraizadas, vivendo de um lado a outro do planeta. O rompimento de fronteiras faz com que o contingente de pessoas menos favorecidas, se desloque de seu lugar de origem e parta em busca de melhores condições de vida em outro lugar. Os grandes deslocamentos de pessoas que vão rumo a uma chance de vida melhor têm aumentado o número de refugiados e imigrantes em muitos países que, de alguma forma, oferecem novas oportunidades.

A história brasileira não é marcada por muitas honras e glórias. Lugar de desterro para traficantes, náufragos e degredados, durante muito tempo aqui foi lugar de castigo para aquele que havia cometido algum crime. Também para cá se dirigiam nobres que encontravam um lugar propício para o enriquecimento. Além da marca da escravidão de africanos arrancados de sua terra natal e despojados de seus nomes de família. A lista continua... A história oficial tenta, mas nem sempre consegue, forjar heróis que teriam, supostamente, realizado grandes feitos. Somos herdeiros de uma história sem muitas glórias e, portanto, sem um ideal a ser preservado. As consequências psíquicas de tal herança são talvez a fragilidade identitária tão própria de nós. Retornamos sempre a esta primitiva



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

imagem idealizada sobre este lugar e os habitantes deste lugar, o paraíso tropical, para alimentarmos e talvez valorizarmos nossa auto-imagem. Continuamos reféns do outro, ou talvez, continuamos dependentes de seu olhar, tal qual a primeira imagem especular idealizada com a qual a mãe investe o filho. A manutenção deste vínculo, espécie de simbiose originária, tem consequências. Muitos trabalhos feitos sobre o Brasil, tendo por base a psicanálise, apontam para a falta de referenciais simbólicos, ausência do nome-do-pai como característica do brasileiro. A exigência do princípio de prazer que alimenta a idéia do paraíso, sem pecado, permanece aquém do interdito da lei; “não existe pecado do lado debaixo do Equador”. A lei aqui, por vezes é dura, mas existe sempre um jeitinho a ser dado.

Necessitamos ir além. Não queremos correr o risco de nos fixarmos numa imagem sem a chance de constituição de outra. Nosso mito de origem e a história que se seguiu parecem manter o estrangeiro (o descobridor e o colonizador) como fazendo parte constitutiva de nossa auto-imagem. Talvez esteja aí nossa tendência a fazer com que o estrangeiro se torne um pouco brasileiro, alimentando, desta forma, a simbiose primitiva que nos liga ao pai estrangeiro e sua fantasia sobre o paraíso na Terra.

Porém, nossa condição subjetiva não está interligada somente a este momento originário. A constituição da subjetividade depende da forma como procuramos dar conta do outro, enquanto este seja produtor de enigmas. O enigma é algo perturbador, com mensagens aparentemente incompreensíveis, onde a expressão de amor e ódio reflete a ambivalência contida nas ações humanas. Toda condição perturbadora das mensagens enigmáticas proveniente do outro, em sua alteridade, só são efetivamente perturbadoras por refletiram alguma coisa de si-próprio. Retomamos assim, a idéia do estranho ameaçador e ao mesmo tempo familiar, desenvolvida por Freud. O estrangeiro só é estranho e ameaçador na medida em que ele sinaliza algo que em mim é ameaçador e que foi um dia recalçado.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Para poder romper a simbiose que nos liga ao outro é necessário que sejamos capazes de reconhecer, além dos enigmas próprios da relação com o outro, a diferença que nos separa e que constitui as singularidades próprias de cada um.

Retomo, neste momento, algumas questões que foram surgindo ao longo deste relato; o objetivo não é concluir, mas ao menos que sejam produzidas algumas inquietações.

Estaremos definitivamente presos a uma imagem primitiva e eternamente submetidos ao olhar e ao saber provenientes do estrangeiro? Porque afinal nos dedicamos a construir este espaço de discussão de uma psicopatologia que pretende ser transcultural? O que isto pode representar para nós, brasileiros, como possibilidade de constituição de um discurso de autonomia em relação a nossa realidade?

A boa convivência com o estrangeiro, em nosso país, nos faz pensar nesta condição constantemente necessária de espera de um discurso sobre nós, e da possibilidade de diminuir as diferenças entre nós e os outros. Embora possamos pensar que esta seja uma posição dominante, por outro lado sabemos que ela não é a única. A constituição da autonomia de um discurso e, portanto a possibilidade de independência, depende da coragem para encarar uma outra realidade. Esta realidade que desde a origem foi rechaçada, recalçada e mantida fora do alcance das razões que fizeram com que o colonizador pudesse constituir um entendimento para a estranheza do novo e assustador mundo que ele aqui encontrou.

Saber que a diversidade é parte constituinte de nossa condição, isto não há dúvidas. Constituir um discurso que seja capaz de apresentar esta diversidade talvez seja um pouco mais difícil. Para isto é necessário que possamos dar conta de nossas diferenças e que os conflitos inerentes à diversidade brasileira possam ser enfrentados.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Uma psicopatologia transcultural, no Brasil, apresenta um desafio; o de encarar as diferenças que nos constituem e o que é gerado pelos confrontos de heranças por vezes tão camuflados, mas geradora de profundo sofrimento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Association Freudienne Internationale. Um inconsciente pós-colonial, se é que ele existe. Porto Alegre. Artes e Ofícios. 2000.
- Freud, S. O estranho [1919]. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1980, v. XVII.
- Freyre, G. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo. Global. 2006.
- Holanda, S.B. Visão do paraíso. São Paulo. Brasiliense. 1996.
- Schwarz, R. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo; Duas Cidades. Ed. 34. 2000.
- Souza, O. Fantasia de Brasil. São Paulo. Escuta. 1994.

Recebido: 17/12/2010

Aceito: 22/12/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br